

Missões científicas – botânicas na descoberta e na colonização de Angola. O caso do Café de Cazengo.

António José S. Afonso de Deus¹

RESUMO:

Os processos de ocupação colonial estão imersos num discurso que consagra a percepção do colono, pela capacidade demonstrada, de transformação e superação das adversidades vencidas. Neste discurso sobrou o *indígena*, enquanto ocupante desse território aparentemente disponível, como um interlocutor passivo, como se ele não tivesse participado nessa revelação.

Considerando a colonização do território de Angola, das implicações que os processos inerentes têm para as populações nativas, reflecte-se sobre a narrativa que consagra o sucesso alcançado, que é incorporada no discurso político através das *missões científicas-botânicas*, relacionando essa narrativa com a ocultação do conhecimento que o indígena tem do território, servindo esse conhecimento em proveito próprio do colono. Esta ocultação revela outros contornos, quando observamos o processo de apropriação das terras que os indígenas ocupam, resultado do conhecimento que os *cientistas* produzem em torno das espécies que servem a economia colonial.

Dá-se como exemplo o comércio colonial de café, que se gerou a partir da região de Cazengo, e que se generalizou para outras regiões da ex-colónia, tendo sido iniciado esse processo pelos indígenas, do *conhecimento* de que resultava um modo de vida.

Descritores: colonização, missões botânicas, agricultura - café, Angola.

¹ Doutorando da 2ª edição do curso de doutoramento “Patrimónios de Influência Portuguesa” (www.patrimonios.pt), sediado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. A orientação da tese está a cargo dos Professores Miguel Bandeira Jerónimo e Walter Rossa.